

EDUCAR PARA A TRANSCENDÊNCIA

Dr. Francesc Torralba Roselló

Universidade Ramón Llull. Barcelona

1. Esclarecendo a terminologia

1.1. Sobre a idéia de educar

Começamos com seis noções sobre o que significa educar no mundo.

Educar é viajar desde a casca até o fundo, em outras palavras, é apostar na profundidade. Quando educamos uma pessoa, procuramos que tenha uma visão profunda do mundo, de si mesma e da história. Não nos conformamos com oferecer-lhe uma visão superficial e panorâmica. Desejamos que vá a fundo, que sinta a inquietação de penetrar na essência das coisas e, em particular, no fundo de si mesma.

Por isto, a educação não é só uma mera transmissão de conhecimentos, mas uma prática de descobrimento, uma motivação que pretende suscitar no educando o anelo de saber mais, de conhecer mais, de amar mais, enfim, de ser mais.

Educar é despertar o eu consciente. Educar, seguindo o modelo socrático, é despertar o eu profundo de cada pessoa, ajudar o educando a que seja o que está chamado a ser. Não se trata, de maneira nenhuma, de dirigi-lo nem de orientá-lo para fins pré-stabelecidos por nós. Educá-lo é cuidar dele, a fim de que seu projeto possa realizar-se. Para que possa descobrir sua missão pessoal, é necessário que o educando experimente o silêncio e se disponha a ser receptivo ao chamado.

Educar é potencializar a liberdade da pessoa. Conforme no-lo manifesta Edith Stein, educar não consiste somente em respeitar a liberdade do educando, senão em potencializá-la em seu grau máximo, ajudando-o a tomar consciência de que a vida humana é dom e tarefa ao mesmo tempo, projeto livre e responsável.

Educar é desenvolver todas as potencialidades, faculdades e capacidades da pessoa. Há em todo educando umas dimensões latentes que só através da prática educativa verão a luz e se desenvolverão totalmente. O ser humano é um ser de possibilidades, mas só pode torná-las realidade se se sente acolhido em esferas ótimas para desenvolvê-las e fazê-las crescer. A família e a escola são âmbitos privilegiados para atualizá-las.

Educar é suscitar vínculos de afeto. A educação tem, irremissivelmente, uma dimensão emocional e afetiva. Educar é transmitir conhecimentos, valores, princípios, critérios, habilidades, mas também consiste em comunicar emoções e mecanismos para lidar e “administrar” corretamente as emoções.

Educar é preparar o encontro entre o educando e o Mestre Interior. O mestre exterior tem, neste sentido, uma função preparatória. A finalidade é que o educando descubra o Mestre Interior no núcleo de sua interioridade, que seja capaz de viver de acordo com Ele, de descobrir a verdade no estrato mais profundo de seu ser. Todo ser humano tem um mistério dentro de si. Como diz Santo Agostinho, o mestre exterior tem como objetivo possibilitar que o educando se vincule com o último estrato de seu ser, experimente o vínculo fundamental com o Mestre Interior que o educa a partir de dentro.

1.2 Sobre a idéia de transcendência

A palavra *transcendência* é muito rica do ponto de vista semântico. Encerra nela muitos significados que é preciso saber distinguir devidamente para saber o que se defende quando se faz referência a uma educação para a transcendência. Não estamos diante de uma palavra que tenha um significado unívoco, senão que tem um campo semântico muito amplo e, embora tradicionalmente tenha conotações estritamente religiosas, a palavra *transcendência* é também rica em significados num campo não estritamente religioso.

Educar para a transcendência significa, primeiramente, explorar estes diferentes significados e, posteriormente, explorar os mecanismos e as práticas pedagógicas que podem despertar no educando o sentido de transcendência.

No *Dicionário do Instituto de Estudos Catalães* descrevem-se as palavras *transcendência, transcendente, transcender e transcendental*. *Transcendência*: é a qualidade de transcendente. *Transcendente*: é o que ultrapassa os limites da realidade concreta. Também significa o que intelectualmente ou moralmente alcança grande altura. *Transcendental*: de grande importância pelas conseqüências que pode ter. *Transcender*: ir além, mais longe. Uma coisa que se produz num determinado contexto, chega a ser conhecida, a ter conseqüências em outro contexto. Movimento, dinamismo, ir em direção do que não é, caminhar rumo ao que não se tem, mover-se para uma esfera maior.

Educar é, neste sentido, transcender, ir mais longe, ampliar o universo do educando, ensinar-lhe a compreender os diferentes níveis e estratos da realidade. Sempre está relacionado com a superação de um limite, de uma barreira. Quando ensinamos a um educando um conteúdo novo ou lhe transmitimos uma nova habilidade, estamos conduzindo-o a um terreno que ainda lhe é desconhecido e, neste sentido, está transcendendo, está movendo-se em direção daquilo que não sabe.

Depois, com a experiência e a familiaridade, acabará conhecendo aquele território, mas posteriormente, se dá continuidade ao seu aprendizado, sentir-se-á chamado a ir além, a explorar novos feudos e, desta maneira, tornará a transcender seu mundo. Educar é, neste sentido, suscitar o movimento de transcendência no educando, o desejo de ir além do que conhece aqui e agora, de superar-se indefinidamente, de não contentar-se com os limites.

A transcendência tem conexões com a palavra *transgressão* que é o ato de transgredir, isto é, de violar uma lei, um preceito, uma ordem. É mover-se de um mundo para outro, ampliar o olhar e a perspectiva, superar os tribalismos e regionalismos, o olhar estreito e curto. Também tem relação com o verbo *transitar* que é a ação de passar mais ou menos rapidamente de um estado a outro, de um assunto a outro, de uma idéia a outra.

O sentido mais imediato e elementar do termo *transcendência* refere-se, conforme já vimos, a uma metáfora espacial. Transcender (de *trans*, para além; *scando*, escalar) significa passar de um âmbito a outro, atravessando o limite que os separa.

Do ponto de vista filosófico, o conceito de *transcendência* inclui, ainda a idéia de superação ou de superioridade e, portanto, de rebote, de esforço. Na tradição ocidental, a transcendência supõe ir além do ponto de referência. Transcender significa a ação de sobressair, de passar de dentro para fora de um determinado âmbito, superando seu limite, seu fechamento. Assim, por exemplo, diz Santo Agostinho a respeito dos platônicos que “transcenderam todos os corpos buscando a Deus”.

Do ponto de vista filosófico, *transcendência* opõe-se a *imanência*. O transcendente é o que se encontra por cima do que é puramente imanente. A imanência é a propriedade segundo a qual uma realidade permanece como que fechada sobre si mesma, esgotando nela todo o seu ser e seu agir. A transcendência supõe, portanto, a imanência como um dos seus momentos, mas se lhe acrescenta a superação que representa o ato de transcender.

Há dois conceitos filosóficos de transcendência: um de matiz gnoseológico e outro de matiz ontológico. O primeiro se pergunta se é possível conhecer os objetos tal como são em si mesmos; o segundo pergunta-se se é possível que o homem conheça algo que está para além de sua experiência empírica.

Segundo o filósofo Nicolai Hartmann, o conhecimento é como um “*transcensus*” do sujeito para além do âmbito de sua própria consciência, como uma irrupção do sujeito na esfera do objeto transcendente e heterogênea para ele. Segundo este autor, embora a realidade só seja acessível a nós quando a conhecemos, o conhecimento não constitui as coisas, simplesmente as torna patentes. A realidade do objeto não depende ontologicamente da realidade do sujeito.

A transcendência ontológica significa tudo o que está fora ou para além do mundo que percebemos através dos sentidos externos. É o que está para além da consciência. Refere-se, por exemplo, à alma ou a Deus. Segundo Martin Heidegger, a existência humana precisa ser entendida como uma continuada e sempre renovada transcendência, como um essencial ultrapassar (*überstieg*), como uma projeção (*Entwurf*) que busca o último sentido das coisas. Karl Jaspers defende que a transcendência se vislumbra através das situações-limite (*Grenzsituationen*): o pecado, a dor, a morte, a culpa, a luta, a enfermidade e o sofrimento.

A idéia de transcendência evoca, finalmente, a idéia de um movimento infinito, um anelo que nos faz ir na direção de uma realidade maior. Este desejo expressa-se na vontade de ser mais, de amar mais, de realizar-se mais plenamente, de não parar em nenhuma meta, nem fronteira em concreto. Este anelo, em si mesmo, não prova nem demonstra a existência de um “para além” que satisfaça definitivamente a sede da pessoa, mas tampouco o nega. É racional crer numa transcendência plena, dotada de sentido e onde o ser humano possa coroar definitivamente este anelo. Este é, afinal de contas, o núcleo último da filosofia cristã de todos os tempos.

Segundo o filósofo Francisco Romero, a própria realidade é transcendente. De acordo com este autor, é preciso afirmar que tudo é transcendente e não só a realidade espiritual. Ele distingue diversas formas de realidade e cada uma tem seu nível de transcendência até chegar ao espírito puro que é pura transcendência. A transcendência, tal como a define Romero, é como um impulso que se difunde em todos os sentidos, que se desenvolve em longos trajetos de maneira seguida e continuada, mas que se abre a novas realidades. Ser é transcender, segundo ele. *O impulso para a transcendência é libertar-se de formas de vida endogâmicas e tribais.* O fato de transcender, no entanto, chega à sua pureza e perfeição quando se abre

definitivamente aos valores espirituais. Toda imanência é, afinal de contas, alienante e é preciso sair dela, propondo-se novas metas e objetivos.

Esta idéia do transcender e da transcendência aparece de diversas formas no pensamento contemporâneo. Por exemplo, Kart Jaspers afirma que, de fato, filosofar é uma orientação em direção ao mundo, uma elucidação da existência, é transcender. O fato de filosofar é, segundo o pensador e médico de Basileia, um ato de transcendência.

Segundo seu ponto de vista, a transcendência é insondável, mas toda a filosofia encaminha-se a ela. Não se pode responder, segundo ele, à pergunta sobre o que é transcendência, porque só temos um conhecimento indireto e este se dá através de um esclarecimento incompleto do mundo, da imperfeição do homem, do fracasso universal. Enfim, a transcendência é o que completa o que é incompleto, o que dá sentido. Segundo o filósofo cristão e personalista Emmanuel Mounier, a transcendência evoca a experiência de um movimento infinito, ou pelo menos, indefinido em relação a um “ser mais”.

À luz do que foi dito, parece muito difícil encontrar uma concepção comum de transcendência, válida para todos os casos, para além da visão geral, da transcendência como um “ir para além de um certo limite”. Por isto, tal como indica o pensador catalão Josep Ferrater Mora, parece que o mais prudente é que cada vez que for usada a palavra *transcendência* ou o verbo *transcender* seja especificado o que é o que se transcende, que tipo de limites são os que se supõe que se ultrapassam e qual a relação existente entre o supostamente transcendente e o que é imanente.

1.2.1 Transcender o eu

Transcender é, logo de início, abrir-se ao tu e aos demais. Este movimento é co-natural à pessoa, porque, como ser social que é, sente o desejo e também a necessidade de interagir, de sair do recinto de sua consciência e abrir-se aos outros. Não pode crescer encerrada dentro de seu mundo, necessita desenvolver sua permeabilidade, extrair e integrar, transferir emoções, conhecimentos e sensações, ou seja, fluxo vital.

A transcendência, entendida neste primeiro sentido, consiste em superar a tendência a pensar em si mesmo, a calcular os próprios interesses. Esquecer de si mesmo, saber situar-se na periferia, reduzir a própria relevância, saber ser servidor e ser capaz de situar-se na margem. Entender que há um todo maior do que nós, que

para além de ti e de mim, para além de nós, estão os outros, é descobrir o valor da transcendência. Transcender o eu significa, no fundo, superar a tendência individualista e egocêntrica da pessoa imatura e adentrar-se no mundo dos outros. É um ato de crescimento.

1.2.2. Transcender o presente

Transcender é, também, perguntar-se pelo futuro e pelo passado. Somos seres históricos, viemos de um passado e anelamos um futuro. Nem sempre somos capazes de enfrentar o passado e, menos ainda, de olhar o futuro cara a cara, mas educar uma pessoa consiste também, em ajudá-la a tomar consciência de sua natureza histórica.

O presente é, afinal, o resultado de uma história pretérita, mas, ao mesmo tempo, é plataforma de construção do futuro. Transcender significa abrir-se à perspectiva de futuro, ir além do aqui e do agora, e antecipar o que pode chegar a ser. Também significa recordar, olhar para trás, para ponderar o que fizemos, como foi o percurso e aprender as correspondentes lições. Isso significa ser responsável, calcular os próprios atos e decisões, ponderar o mal que podemos fazer aos demais e agir com prudência.

Educar o sentido de transcendência, entendida desta maneira, é ajudar o educando a tomar consciência do passado do qual procede, da história coletiva à qual pertence, mas, ao mesmo tempo, consiste em ajudá-lo a tomar consciência de que o futuro não está escrito, nem é fatalidade cósmica, mas que depende, em grande parte dele.

1.2.3. Transcender os valores materiais

Transcender é abrir-se aos valores imateriais. Em contextos intensa e extensamente marcados pelo materialismo e pelo consumismo, é preciso reivindicar os valores espirituais que abrem a pessoa a um universo completamente novo. Os valores são horizontes de referências, finalidades que nunca assumimos plenamente, mas que podemos, gradualmente, conhecer e amar, e no-los podemos propor como marco de referência do nosso próprio itinerário. Os valores, portanto, não são fatos, mas são o que fazem com que a existência tenha valor.

Transcender os valores materiais não significa esquecer-se do valor que as coisas, os objetos, o corpo, o dinheiro têm. Significa descobrir que, para além de todo

este tipo de coisas, há outra constelação que também podemos cultivar e amar. Valores como o silêncio, a contemplação, o tempo livre, a conversação, o passeio, a meditação não são valores materiais, porque não se concretizam em um objeto físico, mas são essenciais para o equilíbrio emocional e mental da pessoa.

Educar uma pessoa é abri-la ao horizonte maior, é ajudá-la a descobrir estes outros valores que não sempre estão presentes na vida social, mas que são tanto ou mais importantes para viver humanamente como os objetos e as coisas materiais.

1.2.4. Transcender o limite da morte

Transcender é colocar-se, com radicalidade, a pergunta pelo após morte. É fazer a si mesmo a pergunta: O que posso esperar? Embora não seja politicamente correto introduzir esta questão no marco das instituições educativas, toda prática educativa que realmente queira ir a fundo, não pode prescindir desta pergunta, não pode evitar o tema da morte. Ao situar radicalmente a questão da morte, o educando vê-se obrigado a pensar, a interrogar-se a respeito daquilo que realmente tem sentido, sobre aquilo que faz com que a vida seja algo valioso.

Ao aceitar o limite irreversível de sua existência, o educando não pode deixar de perguntar-se, seriamente, qual é o sentido de sua vida. Trata-se, pois, de transcender as perguntas previsíveis e cômodas. Educar significa, também, provocar o educando para que chegue a fazer-se esta pergunta, fazê-lo pensar, provocar sua reflexão e, posteriormente, dar-lhe ferramentas para que possa encontrar soluções satisfatórias para os problemas da alma.

1.2.5. Transcender as paixões

Não estamos contra uma educação emocional. Ao contrário. Cremos que é fundamental para um correto desenvolvimento da pessoa e de todas as suas potencialidades, mas é preciso transcender as paixões e isto significa ir além delas. O ser humano tem a faculdade de dominar e de ser senhor de suas paixões, de controlá-las e administrá-las racionalmente. Tem capacidade para ir além dos desejos que sente aqui e agora e de ser fiel a seus compromissos livremente assumidos.

Não há liberdade sem auto-domínio. Não há liberdade sem capacidade de ir além do desejo imediato que brota da corporeidade. Transcender o corpo não quer dizer negá-lo. Significa controlá-lo e dominá-lo na direção precisa, significa não ser seu escravo, mas dono e senhor de tudo o que nele acontece.

1.2.6. Transcender a banalidade

Transcender é ir a fundo, explorar o núcleo das coisas, não ficar na periferia, na casca dos problemas. Na cultura da banalidade na qual vivemos atualmente, existe a tendência a ficar, simplesmente, no anedótico, no olhar simples que não penetra na profundidade das coisas.

A cultura audiovisual de massas é um exemplo paradigmático de como se estende vertiginosamente a banalidade em todos os setores. Só quem realmente trabalha para retirar-se e cultivar seu espírito pode escapar da cultura da banalidade. Nossa cultura de massas está diretamente enfrentada com tudo o que significa pensar, transcender, aprofundar, refletir.

É a cultura do *fast think* e do *fast love*. Mas, para além desta tendência generalizada, é preciso destacar que tanto o processo de pensar como a arte de amar requerem tempo e em ambos, o ato de transcender é necessário: é preciso ir em direção daquilo que não foi pensado, no primeiro caso; mas, no segundo, é preciso ir do “eu” ao “tu” e isto somente é possível se se transcende a cultura do eu.

Transcender a banalidade é a condição de possibilidade de qualquer experiência religiosa. Só quem vai a fundo, experimenta o encontro com o Tu infinito de Deus. Também a fusão no Todo cósmico requer transcender a banalidade. Na “casca” do eu, não é possível viver uma experiência, neste nível somente há lugar para o entretenimento, para a busca do lugar prazenteiro e da experiência agradável aos sentidos.

1.2.7. Transcender as próprias imagens de Deus

Transcender é ir além das próprias imagens de Deus e tomar consciência de que Deus sempre está para além de nossas idéias e pré-compreensões. Com efeito, sempre há uma distância infinita entre as representações humanas de Deus e Deus. Esta *maior dissimilitudo* nunca pode ser perdida de vista. É preciso transcender, portanto, as próprias representações e é necessário que o educando não idolatre as imagens, mas que entenda que as imagens são caminhos, itinerários, símbolos que evocam algo maior que nunca cabe nos conceitos humanos.

1.2. 8. Transcender é abandonar-se a Deus

Transcender é ter consciência da própria irrelevância como ser finito e abandonar-se totalmente a Deus. Este é, como se pode ver, o sentido mais religioso da palavra transcendência. Para dizê-lo com a linguagem dos santos, é colocar-se nas mãos de Deus, negar-se a si mesmo e aderir livremente, à vontade de Deus.

2. Suscitar o desejo de transcendência

Segundo o nosso ponto de vista, há diferentes formas para suscitar o sentido de transcendência no educando. Entre estas diversas modalidades é preciso destacar o diálogo, o silêncio, o símbolo, o rito, a contemplação, a situação-limite, a beleza, a bondade e a unidade. Vejamo-las a continuação resumidamente.

2.1 O diálogo

O diálogo já é, em si mesmo, um movimento de transcendência e um ato de hospitalidade. No diálogo dá-se, por definição, uma abertura ao outro e, ao mesmo tempo, uma acolhida de suas palavras e de todos os elementos não verbais que se manifestam no rosto e nos silêncios de quem fala. O diálogo, portanto, é um movimento em direção ao outro, uma saída de si, mas, ao mesmo tempo, pode suscitar o movimento de transcendência para novas realidades, para horizontes desconhecidos.

Através do diálogo, os interlocutores colocam em contato suas experiências e vivências e ao fazê-lo se produz um enriquecimento mútuo. O outro é, pois, uma ocasião para viajar a mundos desconhecidos, para iniciar experiências novas, para começar aventuras que não sabemos como terminarão.

2.2. O silêncio

O silêncio interior é uma ocasião de primeira ordem para transcender-se, para ir além da aparência e penetrar na estrutura mais íntima do mundo e de si mesmo. Todos os grandes pensadores e místicos recomendam esta experiência como um caminho imprescindível para situar-se de forma desnuda ante o mundo, sem máscaras nem falsas proteções.

O problema de nossa liturgia e de nosso mundo eclesial é que esvaziamos esta experiência de significado, a deixamos de lado, enchemos de ruídos o mundo, as instituições e as igrejas e, como consequência, torna-se muito difícil encontrar uma greta de silêncio para nos adentrarmos no mais íntimo de nós mesmos. Propiciar no educando esta experiência, por violenta que seja, é uma oportunidade de primeira ordem, para suscitar nele o movimento de transcendência, para caminhar a um não se sabe o quê, que só aparece quando o silêncio se torna um ato de presença em nossa própria vida.

O teólogo Hans Urs von Baltasar, num texto publicado em 1965, *O que é um cristão?*, refletia amplamente sobre o que representa a perda do silêncio no seio da vida ritual e litúrgica: “Do que é que se sente falta? O âmbito espiritual do silêncio, com o qual envolvemos o mistério. Não ocorre aqui a coisa mais incompreensível? (...) Ininterruptamente flui o bastidor dos ruídos: quando não se recitam orações ou se lêem e explicam os fragmentos da Sagrada Escritura é preciso cantar e responder; inclusive o próprio cânon é recitado e parafraseado com muita frequência pelo público, através do microfone. Não esqueçamos que nenhum dos assistentes tem durante a semana nem tempo nem oportunidade de concentrar-se profundamente; que na missa do domingo suas almas têm que repousar e recuperar energias também de uma maneira pessoal; que Deus lhes fala sobretudo no silêncio; que a liturgia da Palavra gira certamente em torno da Palavra de Deus- como mensagem e como oração-, mas que o ato de recepção, de aceitação pessoal no silêncio é absolutamente imprescindível, se não se quer que a semente caia entre pedras e espinhos”¹.

2.3. O símbolo

Utilizando uma expressão de Paul Ricoeur, é preciso dizer que o símbolo, de fato, qualquer símbolo, dá o que pensar (*le symbole donne à penser*). O símbolo é um objeto que se refere a uma realidade que está para além do objeto, envia-nos a algo que se insinua no objeto, mas que somente o indica.

O símbolo é, de fato, uma ocasião para transcender, uma vez que expressa algo que está para além da coisa material. Refere-se a ele, mas nunca o esgota. Quando um homem ama uma mulher e lhe dá de presente uma flor, a flor se converte num pequeno símbolo profano, porque, de fato, expressa o vínculo de amor que sente por

¹ H. URS VON BALTHASAR, *¿Quién es un cristiano?*, Cristiandad, Madrid, 1967, pp. 48-49.

ela, mas não o esgota porque aquele amor não se pode quantificar nem medir em termos objetivos. A rosa expressa o vínculo, mas o amor é, em si mesmo, inesgotável.

2.4. O rito

O rito tem uma dimensão muito relevante na vida humana. Não nos referimos unicamente aos ritos religiosos, senão também e particularmente aos ritos sociais e culturais que de maneira periódica se repetem nas sociedades secularizadas.

Os ritos religiosos não têm boa acolhida entre os nossos educandos. Cansam-se do seu ritmo e linguagem. Tudo lhes parece estranho e longe do seu mundo. E, em parte, é verdade. Apesar dos esforços realizados em tantos âmbitos para aproximá-los mais da mentalidade dos jovens, torná-los atraentes e sedutores para o seu gosto estético, os êxitos têm sido escassos.

Mas o rito religioso, com toda a sua lentidão e componente não verbal, é uma ocasião para romper com o ritmo habitual da semana e para transcender, ir mais longe, estabelecer o contato com o mistério, deixar-se levar e libertar-se momentaneamente das múltiplas cavilações que nos acompanham na vida cotidiana. Iniciar os educandos nos ritos religiosos é, também, uma maneira de educá-los para a transcendência. Não sabemos quando, nem de que maneira, mas pode chegar um dia em que aquele conjunto de palavras e gestos, de silêncios e músicas, suscitem neles um encontro, uma pergunta que até então nunca tinha tido lugar.

2.5. A contemplação

A total e perfeita instalação do educando na vida ativa o torna incapaz de desfrutar da vida contemplativa. Só quem contempla atentamente o mundo pode olhar alguma coisa nova nele, pode ficar admirado pelo que nele há e fazer-se perguntas fundamentais. A aceleração da vida e a descompensação dos ritmos conduz, necessariamente, a um tipo de existência mecânica, quase desumana, onde a possibilidade de transcender resulta completamente impossível. Para educar para a transcendência, é preciso educar na arte da contemplação. Só se nossos educandos forem capazes de admirar a realidade, poderão fazer-se perguntas para além da pergunta utilitária e funcional.

2.6. A situação limite

Entende-se por situação-limite aquela situação na qual o ser humano perde o controle e o domínio sobre a própria vida, experimenta algo que o supera e que altera significativamente seu modo de vida. Referimo-nos, por exemplo, à dor, à doença, ao fracasso, à morte de um ser querido, à proximidade da própria morte.

A vida não é um *continuum*, senão que nela há lugar para situações imprevisíveis que geram um autêntico movimento sísmico no núcleo da pessoa. Nestas situações-limite, a gente se pergunta, no fundo: O que é que tem sentido? Para que vale a pena viver? São situações nas quais a pessoa se vê confrontada com o nada ou com Deus.

2.7. A beleza

A experiência da beleza é uma oportunidade para transcender, para ir além, para perguntar-se por Deus. Quando num mundo de mediocridade e vulgaridade, se vive a experiência do belo, sentimos um profundo questionamento pela origem desta experiência. A beleza é, de fato, uma maneira de caminhar para Deus.

2.8. A bondade

A bondade exercida livremente, de maneira gratuita, discretamente e sem altofalantes é uma ocasião para transcender. Num tipo de mundo regido por interesses egocêntricos e utilitaristas, a presença de pessoas que fazem da bondade o centro de suas vidas é uma oportunidade para transcender, para perguntar-se pelo próprio estilo de vida e interrogar-se sobre o sentido da mesma. É necessário que facilitemos o contato dos nossos educandos com figuras de bondade, para que as observem e se espelhem nelas, vejam que, apesar de tudo, é possível viver a bondade neste mundo.

1.9. A unidade

A experiência da unidade é uma oportunidade para transcender. Não é fácil viver esta experiência num mundo fragmentado, tanto do ponto de vista cultural como social e político, mas quando o educando tem a vivência da unidade, da harmonia de todas as coisas, pergunta-se certamente pela causa desta unidade e isto o leva a transcender, a olhar além do que está no marco da representação.

3. Suscitar o encontro com o Tu infinito

A fé pressupõe uma educação para a transcendência, porque a fé é o laço invisível entre o Tu infinito de Deus e o eu concreto, histórico e determinado de um

homem de carne e osso. Educar a dimensão religiosa da pessoa significa preparar este encontro, colocar à disposição do educando todos os mecanismos para que descubra no fundo de seu ser o Deus que habita no mais íntimo de sua intimidade.

O mundo, visto com os olhos da fé, é a expressão do mistério do Tu infinito. Buscar Deus no meio do mundo, intuir Deus na vida diária, na vivência plena do momento presente que se oferece como dom.

Bibliografia elementar

L. CHESTOV, *Spéculation et révélation*, L'âge de l'homme, Paris, 1981.

J. ENCAUSSE, *La philosophie de l'éveil*, Vrin, Paris, 1978.

K. JASPERS, *La fe filosófica frente a la revelación*, Gredos, Madrid, 1962.

E. LEVINAS, *De otro modo que ser o más allá de la esencia*, Sígueme, Salamanca, 1987.

H. URS VON BALTHASAR, *¿Quién es un cristiano?*, Cristiandad, Madrid, 1967.